

Tentativas de construção de uma identidade latino-americana para a história do design a partir da Escola do Sul de Joaquín Torres Garcia.

Attempts to build a Latin American identity for the history of design based on Joaquín Torres Garcia's School of the South.

DE LAURENTIS, Gabriela; Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ESDI/UERJ)

gdelaurentis@esdi.uerj.br

ALTMAYER, Guilherme; Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ESDI/UERJ)

galtmayer@esdi.uerj.br

Resumo

Este trabalho analisa os fundamentos para a construção de uma identidade latino-americana no campo do Design, baseada nas ideias de Joaquín Torres García e seu pensamento da Escola do Sul. Adotando uma abordagem crítica, defendemos a valorização da multiplicidade de narrativas históricas, fundamentada na nova história, Micro-História e história do tempo presente. Nosso objetivo é propor uma análise interdisciplinar da identidade latino-americana no design, contribuindo assim para o fortalecimento dos estudos do Sul nessa área. Investigamos abordagens teórico-políticas que embasam o dito pensamento do Sul, como a Escola do Sul de Joaquín Torres García, seus outros, Epistemologias do Sul e Sul global. Como resultado, destacamos a busca por uma identidade latino-americana multifacetada, fundamentada em saberes locais e de forma situada. Ao resgatar e valorizar as particularidades da região, desafiamos a dominação cultural do norte global, ampliando o foco para uma história do tempo presente alimentada por uma perspectiva decolonial.

Palavras Chave: história do design; América Latina; decolonialidade.

Abstract

This work analyzes the foundations for constructing a Latin American identity in Design, based on Joaquín Torres García's Southern School thinking. With a critical approach, we valorize multiple historical narratives, grounded in new history, Micro-History, and present-time history. Our objective is to propose an interdisciplinary analysis of Latin American identity in design, strengthening Southern studies in this field. We investigate theoretical-political approaches supporting Southern thought, including the School of the South by Joaquín Torres García, Epistemologies of the South, and the global South. We highlight the quest for a multifaceted Latin American identity, based on local knowledge and situated perspectives. By valuing the region's particularities, we challenge the cultural domination of the global north, expanding the focus to a contemporary and decolonial history.

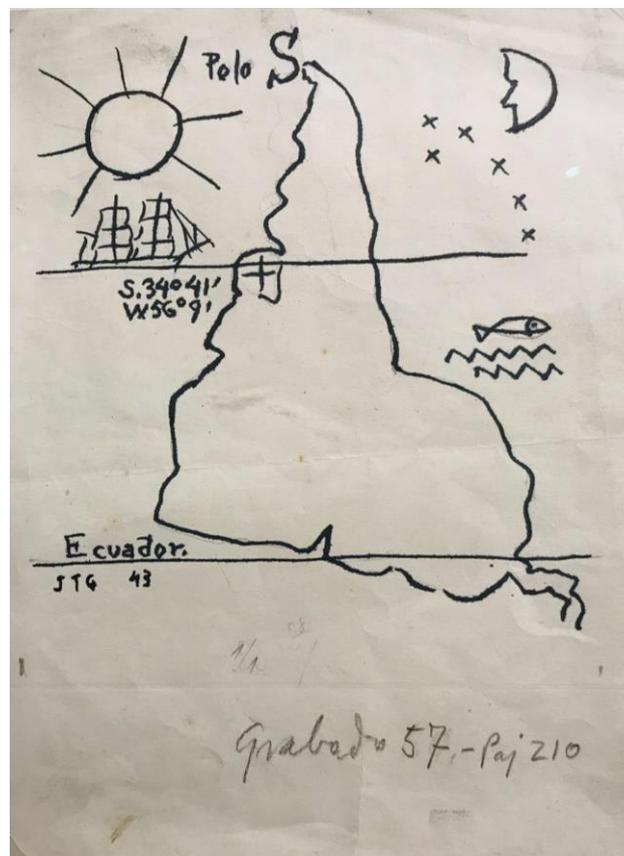
Keywords: design history; Latin America; decoloniality.

1 Um olhar situado: pensamento do Sul

Pensar o Sul como nosso Norte tem sido objeto de discussões cada vez mais intensas, tanto em âmbito local quanto mundial. Um marco importante nessa reflexão é o aniversário da icônica obra “América”, por vezes referida como “América Invertida”, criada em 1943 pelo renomado artista uruguaio Joaquín Torres García (1874-1949). Esta obra com o mapa invertido da América (Figura 1) completou oitenta anos no ano de 2023.

Desafiando a tradicional orientação cartográfica ao posicionar o Sul no topo do mapa, acima da Linha do Equador, enquanto o Norte está na parte inferior, essa representação cartográfica não convencional provoca uma reavaliação da geografia, um deslocamento do olhar e, conseqüentemente, das relações políticas, econômicas e culturais estabelecidas na região.

Figura 1 – Obra América, de Joaquín Torres García (1943)



FONTE: Foto própria, Museo Torres Garcia

Com a proposta de mudança de perspectiva de reconfiguração da cartografia tradicional, Torres García nos instiga a desconfiar do nosso lugar no mundo, da nossa visão de mundo e como nos inserimos. E assim, estimular o reconhecimento da importância de culturas locais e a valorização do território. Se traçarmos um paralelo com a dimensão epistemológica no design, nos interessa a compreensão dos fundamentos teóricos, das bases de conhecimento e dos processos de construção do conhecimento dentro da disciplina do design.

Dessa maneira, como brasileiros designers latino-americanos enxergamos como necessário investigar não apenas as práticas técnicas e estéticas, mas também os contextos sociais, culturais e

históricos que influenciam a produção de artefatos e soluções de design. E para isso, relacionar nossa identidade com o território envolve compreender também nossas histórias e contextos.

Com um pensamento situado, cada cultura molda sua visão única de mundo, o que torna entendimentos e regras apropriados em um contexto, e possivelmente inadequados em outro. Certos termos culturais estabelecem uma ordem compreensível internamente enquanto externamente podem parecer estranhos. Um dos pensadores emblemáticos sobre cultura, Grant McCracken (2007), defende que a cultura dá significado ao mundo. Numa sociedade de consumo, o significado cultural se move incessantemente do “mundo culturalmente constituído” para os bens de consumo e destes para o consumidor individual:

A localização original do significado cultural que afinal reside nos bens de consumo é o mundo culturalmente constituído. Trata-se do mundo da experiência rotineira, em que o mundo dos fenômenos se apresenta, aos sentidos individuais, plenamente formado pelas crenças e premissas de sua cultura. A cultura constitui o mundo dos fenômenos de duas maneiras. primeiramente a cultura é a “lente” pela qual o indivíduo enxerga os fenômenos; assim sendo, determina como os fenômenos serão apreendidos e assimilados (McCracken, 2007, p. 101).

Ainda, em segundo lugar, para McCracken (2007) a cultura é a "planta baixa" da atividade humana, definindo as coordenadas de ação social e atividade produtiva, e especificando os comportamentos e objetos que decorrem uma da outra. Segundo o autor, podemos dizer que o significado carregado pelos bens de consumo tem qualidade móvel, no sentido de que seu significado é marcado em um mundo culturalmente constituído, incidindo no bem de consumo e no seu consumidor. Apresenta, portanto, uma condição de movimento, em que se move numa trajetória com dois pontos de transferência: do mundo para o bem e do bem para o indivíduo.

Ao adotarmos um olhar invertido, como proposto por Torres Garcia, para nos debruçarmos sobre nossos contextos e culturas, com suas semelhanças e particularidades, o referencial teórico aportado a seguir apresentará o pensamento do Sul a partir das lentes da decolonialidade:

O chamado pensamento decolonial busca denunciar as contradições instauradas pela modernidade/colonialidade, investigando paradigmas outros sobre a compreensão da realidade e, ao mesmo tempo, questionando os sistemas de conhecimento eurocêntricos para dar ênfase aos conhecimentos produzidos nas periferias do mundo (Silva, 2022, p. 76).

A lente decolonial busca questionar a história tradicional contada seja pelo ponto de vista de colonizadores, ou história vista de cima, ou mesmo deslocar o olhar do Ocidente sobre o resto do mundo. Se busca romper com narrativas dominantes com um pensamento decolonial para ampliar a importância de saberes periféricos, oferecendo uma perspectiva plural e inclusiva sobre a complexidade da experiência humana.

Assim, o presente artigo busca destacar a importância da valorização da cultura e dos saberes localizados a partir da América Latina, visando construir identidades múltiplas do Design, com suas particularidades e especificidades, visando o distanciamento de um olhar eurocêntrico. O presente trabalho justifica-se pela necessidade de promover um reconhecimento mútuo e um maior autoconhecimento acerca dos nossos fazeres design, estabelecendo pontes entre os diferentes territórios latino-americanos.

Para tal, abordaremos a seguir parte da vida e obra do artista e designer¹ uruguaio Joaquín

¹ Defendemos o uso do termo “designer” aqui mesmo antes da profissionalização da atividade na América do Sul, devido ao campo de atuação de Joaquín Torres García poder ser considerado um campo expandido e multifacetado, com trajetória em artes visuais e também em cenografia, design de brinquedos, design gráfico, design editorial, entre outros.

Torres García relacionando com a nova história, Micro-História e história do tempo presente, e como as fundamentações teórico-estético-políticas sobre representação de território se entrelaçam com a construção de identidade local. E ainda, será apresentado como fundamentações teóricas aportam questionamentos referentes a uma visão hegemônica e propõem novas perspectivas históricas do tempo presente.

Dessa maneira, a estrutura do artigo busca cumprir os seguintes objetivos: apresentar Joaquín Torres García em seu retorno às origens depois de um longo tempo na Europa e Estados Unidos; discorrer sobre operações historiográficas e histórias múltiplas como meio para dar a ver outras histórias do design; para então identificar abordagens teórico-políticas que são de interesse para pensar sobre a possibilidade de construção de identidades a partir do pensamento do Sul, lançando mão da *Escola do Sul*, seus outros, Epistemologias do Sul e outras perspectivas decoloniais.

2 Joaquín Torres García: retorno às origens

Em 2024 Joaquín Torres García (1874-1949) completaria 150 anos, o que representa um marco para trazer à luz sua contribuição teórico-política, que por vezes é ofuscada pelo seu aporte estético. Antes de abordar a obra e as discussões relacionadas ao pensamento do Sul, apresentamos brevemente o artista uruguaio e sua trajetória de maior relevância para a presente investigação. Joaquín Torres García é reconhecido como um artista visual, teórico e educador, que também aportou contribuições relevantes no design através de brinquedos, criação de cenários, edição de revistas e livros.

Nascido em Montevideu no Uruguai em 1874, de mãe uruguaia e de ascendência catalã por parte de pai, deixou seu país de origem em 1890 junto à sua família migrando para a Catalunha, Espanha. Durante décadas (1890-1934), viveu no hemisfério norte, tanto na Europa em países como Espanha, Itália e França, quanto nos Estados Unidos. Segundo o recorte aqui proposto (Figura 2), dividimos sua linha do tempo em quatro grandes momentos que influenciaram profundamente seu trabalho e legado posterior. Na Figura 2, detalhamos a cronologia que nos interessa, que pode ser dividida nestes quatro grandes momentos: infância e juventude no Uruguai (1874-1890); vida no hemisfério norte (1891-1934); retorno ao Uruguai até sua morte (1934-1949) e o período após a sua morte (1949-2024).

Figura 2 – Linha do tempo de Joaquín Torres García: infância e juventude no Uruguai (1874-1890); vida no hemisfério norte (1891-1934); retorno ao Uruguai até sua morte (1934-1949) e após a sua morte (1949-2024).

1874 - 1890	Infância e juventude no Uruguai Montevideo, Uruguai.	1934 - 1949	Retorno ao Uruguai até sua morte Montevideo, Uruguai.
1890 - 1934	Vida no hemisfério norte	1934	Retorno ao Uruguai
1891 - 1904	Catalunha, primeiros anos.	1935-1939	Associação de Arte Construtiva (AAC)
1904 - 1916	Catalunha, Arte Mediterrânea.	1943	Início do Atelier Torres García e da <i>Revista Removedor</i> , <i>Obra América/ Escola do Sul</i>
1917 - 1920	Barcelona, livro <i>O descobrimento de Si Mesmo</i> .	1944	Livro <i>Universalismo Construtivo</i> – fundamento da produção plástica e teórico de JTG
1920 - 1922	Nova Iorque, a cidade cartaz.	1949	Morte JTG
1922 - 1925	Sul da Europa, introspecção.	1949-2024	Após a sua morte
1926 - 1928	Paris, Pintura-Pintura.	1954	Fim da <i>Revista Removedor</i>
1929 - 1931	Paris, o nascimento da Arte Construtiva.	1962	Fechamento do Atelier Torres García
1932 - 1933	Madrid, Grupo de Arte Construtiva.	2024	150 anos JTG

Fonte: Autoria própria com base em <https://www.torresgarcia.org.uy/bio.php> (2023)

Sua infância e juventude no Uruguai (1874-1890) foram fundamentais para sua formação inicial como autodidata, onde absorveu as influências culturais e artísticas do ambiente local. Já sua vida adulta, no hemisfério norte (1891-1934) é marcada por uma fase de intensa atividade criativa e exploração artística, especialmente em cidades como Barcelona, Paris e Nova York, onde absorve influências modernistas a partir do cubismo e do construtivismo.

Ao retornar ao Uruguai (1934-1949), Torres García dedicou-se a difundir suas ideias através da sua corrente de pensamento chamada de Escola do Sul e da criação de sua emblemática teoria de universalismo construtivo. O universalismo construtivo de Joaquín Torres García é entendido como contraponto ao processo de modernização do Uruguai. Sua teoria estético-política é convertida em livro: *Contribución a la unificación del arte y la cultura de América*, publicada em 1943 e resultado da compilação das principais conferências proferidas por Torres García em Montevideu entre 1934 e 1942 (Araujo, 2022). Mesmo após sua morte em 1949, seu legado continuou a inspirar gerações de artistas e designers uruguaios e para além, consolidando sua posição como uma figura relevante no panorama artístico e intelectual latino-americano, com influências também no movimento concreto no Brasil.

Nesse contexto, em sua vivência no hemisfério norte, foi assistente de Antoni Gaudí na Espanha, onde colaborou com o arquiteto catalão na criação dos vitrais de uma catedral, e na obra da renomada Catedral Sagrada Família, em Barcelona. Ainda na Europa, contribuiu para o design gráfico ao cofundar com Michel Seuphor a revista *Cercle et Carré* em Paris, em 1929, que servia como meio de divulgação das teorias e estéticas modernistas em vigor na Europa Ocidental. No editorial inaugural, Torres García abordava a dependência cultural da América Latina em relação à Europa e propunha uma pesquisa da tradição autóctone e da arte construtiva universal com um

toque próprio: “Ele assume, claramente, sua oposição aos modernismos latino-americanos, inclusive uruguaios fundamentados nas representações simbólicas nacionais, e enfatiza os seus ideais universais de arte e de sua integração à vida para a América Latina” (Kern, 2013, p. 90).

Assim, o Universalismo Construtivo proposto por Torres García que propõe pensar uma arte contemporânea influenciada pelas tradições indígenas americanas, se opõe aos modernismos locais latino-americanos ao defender uma pesquisa das tradições autóctones, ou seja, nativo ou originário de determinado local - neste caso a América Latina. Com essa perspectiva, o editorial *Cercle et Carré* passa a ser desenvolvido localmente no Uruguai e é chamado de *Círculo y Cuadrado*, e é nele onde desenha o mapa invertido da América do Sul que ilustra a abertura do presente artigo como forma de provocar um deslocamento para o pensamento epistemológico a partir do Sul:

No terceiro número do periódico, ele desenha o mapa invertido da América do Sul e o posiciona junto à linha do Equador, de tal modo que o Sul se constitui como o Norte. Com esta representação cartográfica, busca desmistificar a inexistência nesse território de tradição indígena e identificar o Norte como o novo guia das artes ocidentais. Torres García acredita que é o momento de a América do Sul se tornar o Norte, diante da fragilidade do velho continente, gerada pela crise econômica e pelos nacionalismos exacerbados (Kern, 2013, p. 91).

Diante da crise econômica mundial, em 1934, Torres García, já em seus sessenta anos, decide retornar definitivamente a Montevideu para compartilhar suas experiências com sua terra natal, com a intenção de gerar um movimento artístico apoiado nas ideias propostas pelo Universalismo Construtivo, que buscava transcender os limites da teoria estética para se tornar uma forma de compreender a arte e a vida (Museo Torres García, n.d.). Na capital uruguaia o artista ministra palestras, edita revistas e livros, e realiza transmissões de rádio. De volta às suas origens, envolve-se com a cena local ao criar a Associação de Arte Construtiva (AAC; 1935-1939), inspirada em sua proposta de estabelecer uma nova linguagem artística para a América Latina. Essa nova linguagem artística envolveu a exploração da arte pré-colombiana e a conceituação pioneira de Torres García sobre sua importância na criação de uma linguagem moderna para a arte latino-americana, produzindo uma arte própria que, ao mesmo tempo em que é universal, exalta a cultura ameríndia e se distancia da Europa (Eilers, 2022).

Em 1943, Torres García transforma a Associação de Arte Construtiva (AAC) no Ateliê Torres García (ATG; 1943-1962), uma escola-oficina que se inspirava nas guildas de artesanato medievais e combinava influências do movimento *Arts & Crafts* e do modelo bauhausiano. Essa instituição influenciou a elaboração das teorias de Torres García sobre a função da arte moderna na América Latina. O ATG ultrapassa o tempo de vida do artista e seguiu em operação até 1962.

No contexto do Ateliê, o estudo das culturas e civilizações indígenas serviu como base para a formulação de uma estética vanguardista latino-americana, moldando o conceito de construtivismo universal apoiado em saberes locais, tornando-se um dos princípios fundamentais da escola. Assim, ao mergulhar nas riquezas culturais e artísticas das civilizações indígenas, o Ateliê Torres García buscava resgatar e valorizar as raízes autênticas da região:

Com seu manifesto e seu atelier, Torres-García intencionava chamar atenção de novos artistas uruguaios para a conformação de um movimento que fosse procedente da América do Sul, centrando em temas e problemas que não se relacionam à Europa. Por conta dessas aspirações, o artista foi inspirado a inverter o mapa da América do Sul e propor uma visão de mundo onde o Sul não seja mais dependente ou “inferiorizado”, assumindo uma posição, que segundo o artista, lhe foi negada ao longo da história (Sales, 2016, p. 160, grifos do autor).

Ao combinar a influência das guildas de artesanato, do movimento *Arts & Crafts* e da

Bauhaus, Torres García propunha uma abordagem artística inovadora que buscava a harmonia entre a técnica e a expressão artística ainda que paradoxal, uma vez que aporta para seu território influências e práticas de escolas e movimentos europeus. O Ateliê funcionou como um espaço de experimentação, onde os aprendizes eram encorajados a explorar a síntese entre a arte moderna e as tradições latino-americanas, para assim testar a aplicabilidade dos princípios modernistas no cenário americano. Os membros produziram um conjunto significativo de trabalhos, principalmente concentrados na pintura, mas abrangia também escultura, cerâmica, relevos em madeira e ferro, móveis, murais e projetos arquitetônicos, além da Revista *Removedor*, que veremos a seguir. Torres García rejeitava uma abordagem industrial, priorizando técnicas artesanais inovadoras e criativas, assim como materiais simples, levando em consideração as limitações materiais do contexto em que estava inserido (Schaefer, 2022).

Entre as produções do Atelier Torres García, está a publicação da *Revista Removedor* (1944-1953), contabilizando um total de 28 edições publicadas (Figura 3). Criada e produzida pelo Ateliê Torres García no Uruguai, essa publicação representa uma simbólica manifestação cultural e artística de vanguarda no século XX. Lançada em 1944, a revista servia como uma plataforma para a disseminação de ideias e obras de artistas que compartilhavam uma visão artística inovadora, enfatizando a abstração geométrica e a busca (utópica e ainda bastante modernista) por uma linguagem visual universal, no sentido de totalidade, harmonia e unidade. Além disso, abordava questões culturais, sociais e políticas da América Latina, refletindo o contexto de sua época e contribuindo para o diálogo intelectual na região.

Figura 3 – Capas de exemplares da Revista Removedor (1944-1953)



Fonte: Elaboração própria com fotos de autoria própria no Museo Torres García (MTG) e acervo MTG (2023)

É importante notar o quanto o próprio caminho de Torres García é uma metáfora de si mesmo: de crescer no Uruguai, ir para fora e seu retorno às origens. Um percurso cheio de atravessamentos de ideias que são de certa forma incorporados na sua vida profissional: de olhar de dentro pra fora, de fora para dentro e de dentro para dentro, sem deixar de lado as influências estético-teórico-políticas ao longo de sua trajetória de vida, com múltiplas histórias e histórias múltiplas sendo traçadas

Esta breve abordagem do percurso de Torres García evidencia aportes importantes para a história do design na América Latina, em um híbrido de influências modernas, saberes locais, culturas ameríndias e propostas idealistas para um fazer design localizado. No sentido de localizar metodologicamente a investigação sobre as influências de Torres García no design, apresentaremos a seguir fundamentações teóricas que abordam a nova história, Micro-História e história do tempo presente, e como autores atuais vêm questionando a história tradicional no design.

3 Operações historiográficas: histórias do design

Ao olharmos para o passado, compreendemos o presente e questionamos o futuro. Esse vai e vem de deslocamento de tempos, faz parte de operações historiográficas para escrevermos as diversas histórias que conformam a história. Nos apoiamos no que o historiador francês François Dosse (2012) descreve sobre o papel do historiador do tempo presente, que é levado a se questionar a respeito da sua própria operação historiográfica.

Dosse (2012) explora o campo da história contemporânea e a trajetória da historiografia, destacando a importância de abordar o “tempo presente” como um objeto de estudo histórico, analisando eventos recentes. Há nisso, para o autor, uma necessidade de superar visões simplistas

e oferecer reflexões sobre a interdisciplinaridade na pesquisa histórica, enfatizando a importância de uma abordagem pluralista para entender os desafios do presente.

O presente tem, por assim dizer, um passado incorporado. No sentido de que a história do tempo presente requer do historiador – nisso inclui-se quem estuda a história – uma nova tarefa que é a de encontrar a indeterminação do presente nas sociedades passadas: “Essa nova ambição leva a uma reavaliação da contingência, da pluralidade das possibilidades, da diversidade das escolhas possíveis dos atores” (Dosse, 2012, p. 15). As investigações são, portanto, mediadas pelo discurso, de modo que, para o autor, “se a História é narração, discurso e escrita, ela carrega uma intencionalidade” (Dosse, 2012, p. 12). E com isso também deve-se levar em consideração as mediações que fazem parte desse discurso, em que:

(...) a escrita histórica não é uma simples mimese do real, puramente passiva, mas que ela resulta de uma tensão entre, de um lado o desejo de perceber o que aconteceu, como aconteceu, como encoraja o historiador alemão no século XIX Leopold Ranke e, por outro lado, o questionamento que emana do presente do historiador (Dosse, 2012, p. 12).

Pensar a história e a escrita da história traz à reflexão como as histórias e histórias do design estão sendo contadas (Whitehouse, 2009). Essa multiplicidade de narrativas é fruto do entendimento de que não há uma única história, seja do design ou qualquer história. Assim como a historiadora em design australiana Denise Whitehouse (2009) defende, como teóricos do design vêm questionando a história tradicional do design e cobrando uma revisão da história, como o colombiano Alfredo Gutiérrez Borrero (2015) e o argentino Walter Mignolo (2011), por exemplo, como veremos mais a seguir. Há, dessa maneira, a necessidade de uma abordagem crítica na forma de fazer história, como Dilnot (1984a; 1984b) já havia postulado anteriormente, que considere que não há uma única história do design (Whitehouse, 2009). Em vez disso, há muitas maneiras diferentes pelas quais a história da ideia de design e as circunstâncias de sua produção, prática e consumo podem ser contadas.

Como pontua Whitehouse (2009), o debate e a controvérsia têm sido o cerne da história do design desde o seu início, pois as partes interessadas concorrentes têm debatido o escopo potencial de seu campo de investigação e a natureza de suas perguntas e definições:

Mais recentemente, uma nova geração de acadêmicos multinacionais, está desafiando a orientação anglo/euro-americana da história do design e questionando se a historiografia ocidental que sustenta sua prática é apropriada para moldar as histórias locais e regionais de países que estiveram historicamente fora ou à margem do projeto de modernização do capitalismo ocidental (Whitehouse, 2009, p. 55, apud Calvera 2005, tradução nossa; Uriarte, 2005; Vyas, 2006).

Essa dinâmica reflete um movimento crescente para diversificar e descentralizar a narrativa histórica do design, reconhecendo e valorizando perspectivas e contextos regionais anteriormente marginalizados. A reflexão aqui proposta dialoga com a expansão e diversificação da História, em diálogo com o que o historiador e sociólogo Peter Burke ([1991] 1992) propõe de discutir como a história se expandiu além do foco nacional tradicional, incorporando a história mundial e regional.

Além disso, fazendo uso da Micro-História (Braga e Ferreira, 2023), a investigação aqui segue seu princípio de trabalhar com a redução da escala de observação, buscando uma delimitação social reduzida e focada em um determinado objeto de estudo em relação à sociedade que se estuda - no caso do presente artigo, as influências do uruguaio Torres Garcia no design sul-americano.

Com isso, busca conseguir enxergar relações e particularidades que de outra maneira passariam despercebidos se observadas numa escala maior ou em uma visão mais ampla da história:

Vale ressaltar que essa redução de escala não é literal: não há regras quanto a um limite

geográfico ou recorte temporal máximo. Trata-se mais de uma delimitação temática em que o objeto de estudo é recortado em sua unidade, e, em um primeiro momento, a despeito de relações mais amplas com outros contextos paralelos que o influenciam (estes devem fazer parte da análise, mas não do recorte do objeto de estudo em si) (Braga e Ferreira, 2023, p. 130).

Para situarmos brevemente, a Micro-História nasce na esteira da Escola dos *Annales* e da nova história², do início do século XX. Burke ([1991] 1992) explora as mudanças e desafios enfrentados pela disciplina histórica, destacando a emergência da “nova história” e suas perspectivas futuras. Aborda ainda a necessidade de uma abordagem interdisciplinar, com a importância de considerar diferentes perspectivas e vozes na escrita da história, buscando uma representação inclusiva e pluralista do passado.

Assim, nesse contexto, a partir do aporte do trabalho de Torres Garcia no Uruguai e para além, localizamos onde e como se desenvolve a tentativa de uma construção de uma identidade latino-americana múltipla com particularidades e uma visão não eurocêntrica, com um olhar no Sul global, buscando destacar a influência dos saberes locais, desde uma história contemporânea até uma história do tempo presente. Existem características culturais locais e contextos regionais que tornam os objetos de estudo diferentes entre si e com possíveis peculiaridades e que uma Macro-História dificilmente identificaria (Braga e Ferreira, 2023).

Dessa feita, nos parece pertinente apresentar, a seguir, algumas fundamentações que embasam o dito pensamento do Sul a partir da Escola do Sul proposta por Torres García, e ainda suas vertentes atualmente em curso.

4 Abordagens teórico-políticas - Escola do Sul, Sul global, Epistemologias do Sul e seus outros

A obra de Torres García convida-nos a questionar as noções pré-estabelecidas e dominantes que tendem a valorizar o Norte global em detrimento do Sul. Ao inverter a perspectiva, com sua obra da América invertida de 1943, ele nos instiga a repensar nossa posição e reafirmar a importância do Sul como protagonista relevante não perante os olhos do Norte, mas como estratégia de fortalecimento dos saberes locais. Esse debate adquire ainda mais relevância atualmente, à medida que observamos um movimento de afirmação das identidades e narrativas latino-americanas.

Torres García, junto ao seu Ateliê, desafiava a hegemonia do Norte global, incentivando uma apreciação do que se produz e cria no Sul como forma de fortalecimento da diversidade e pluralidade de experiências que sempre se deram nesta região. Assim, terminologias como Escola do Sul, Sul global e Epistemologias do Sul ganham destaque como provocação para uma reflexão acerca da importância do Sul.

A seguir, apresentamos primeiramente a primeira provocação, a Escola do Sul, uma corrente

² A expressão “a nova história” é mais bem conhecida na França, chamada de *la nouvelle Histoire*; é o título de uma coleção de ensaios editada pelo renomado medievalista francês Jacques Le Goff em 1978. É a história associada à chamada *École des Annales*, agrupada em torno na revista *Annales: économies, sociétés, civilisations*. Propunha ao invés de definir, se opor à história tradicional. Para se aprofundar sobre a o que é a nova história recomendamos a leitura: BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE (org). A escrita da história: novas perspectivas. p. 7-37. UNESP. [1991], 1992.

de pensamento voltada para a valorização local do dito Sul; no caso, a América do Sul.

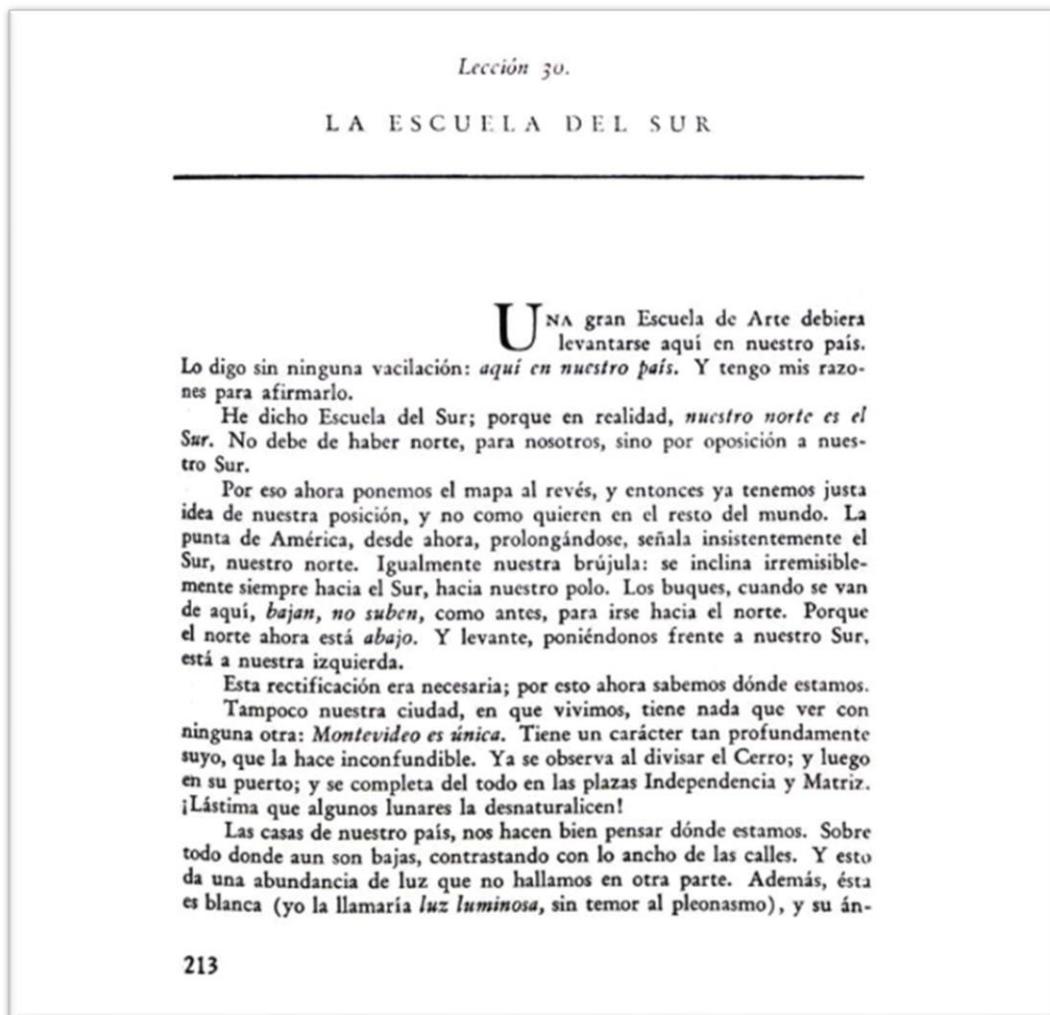
4.1.1 Escola do Sul

Em seu livro "Universalismo Construtivo" (Torres García, 1944), reconhecido como o alicerce de sua produção plástico-teórica, Joaquín Torres García organiza seus pensamentos por anos e suas respectivas lições. Por vezes descrito como doutrina estética, na lição de nº30, no ano de 1943, ele reflete sobre sua visão do que configuraria uma Escola do Sul, um conceito central em sua filosofia (Figura 4):

Nosso Norte é o Sul. Não deveria haver um Norte para nós, a não ser em oposição ao nosso Sul. É por isso que agora colocamos o mapa de cabeça para baixo, e então temos uma ideia precisa de nossa posição, e não como querem no restante do mundo. A ponta da América, a partir de agora, estendendo-se, aponta incansavelmente para o Sul, nosso Norte (Torres García, 1944, p. 213, tradução nossa).

Sua visão destaca a importância das novas gerações e a riqueza artística das latitudes sul-americanas, rompendo com a influência europeia e norte-americana. Já em 1943 Torres García defendia a criação de uma "Escola do Sul".

Figura 4 – Pensamento da Escola do Sul no livro de autoria de Joaquín Torres García (1944)



Fonte: livro Universalismo Construtivo (Torres García, 1944)

No contexto global, o “Sul”, muitas vezes, é estigmatizado como uma região de subdesenvolvimento, pobreza e dependência. No entanto, ao adotarmos uma perspectiva invertida, somos capazes de reconhecer o quanto o Sul abriga uma imensa variedade de recursos naturais, patrimônios culturais e conhecimentos tradicionais que têm potencial para impulsionar seu próprio desenvolvimento, sem claro ignorar suas mazelas e desigualdades originadas, em grande medida, pela subalternização da região. Repensar o Sul como nosso Norte, como propõe Torres Garcia, implica desafiar as hierarquias estabelecidas e valorizar vozes, perspectivas e potenciais do Sul. Isso significa validar e promover a diversidade e a pluralidade de experiências presentes nessa região.

Nessa perspectiva, algumas terminologias vão se destacando nesse processo de repensar o Sul, tais como a Escola do Sul de Joaquín Torres García de 1943 aqui já citada, e também mais recentes, como pensamentos decoloniais do Sul global e Epistemologias do Sul.

4.1.2 Sul global e Epistemologias do Sul

O Sul global tampouco é uma denominação fechada e pode assumir diversas conformações, dependendo da corrente em que está inserido. Independentemente se inclui países da Oceania ou não, o que é outra discussão, é importante situar de que lugar parte esse conceito:

Contrapondo-se à globalização capitalista, muitos movimentos sociais através do mundo têm vindo a denunciar a dominação, exploração, marginalização e opressão das relações impostas pelo Norte global, avançando com novas propostas que desafiam a epistemologia hegemônica, visando romper com um modelo hegemônico capitalista. O Sul global constitui-se hoje como um espaço de soluções econômicas, sociais e políticas alternativas às alternativas historicamente fracassadas, dando origem a uma geografia imaginária que une áreas com realidades extremamente diversas (OBSERVATÓRIO SOBRE CRISES E ALTERNATIVAS, s.d., n.p.).

O termo é uma metáfora da exploração e exclusão social. Ainda, a expressão Sul global vem sendo usada para fazer referência às regiões periféricas e semiperiféricas dos países do sistema-mundo moderno, antes denominados Terceiro Mundo (Observatório sobre Crises e Alternativas, s.d., n.p). Ele incita e agrega lutas por projetos alternativos de transformação social e política.

Quando se fala em pensamento do Sul, outra conceituação que costuma ser abordada são as Epistemologias do Sul. Segundo Boaventura de Sousa Santos, Sara Araújo e Maíra Baumgarten (2016), as Epistemologias do Sul buscam expandir a imaginação política além do Norte global, promovendo a reconsideração do mundo com saberes e práticas do Sul global. De acordo com sua definição:

As Epistemologias do Sul são uma proposta de expansão da imaginação política para lá da exaustão intelectual e política do Norte global, traduzida na incapacidade de enfrentar os desafios deste século, que ampliam as possibilidades de repensar o mundo a partir de saberes e práticas do Sul Global e desenham novos mapas onde cabe o que foi excluído por uma história de epistemicídio³ (Sousa Santos; Araújo; Baumgarten, 2016, p. 15).

Portanto, não se trata meramente de uma questão geográfica, mas sim de redesenhar mapas imaginários em que divisões de metrópoles e colônias não façam mais sentido, para romper

³ Sobre o conceito de epistemicídio, ver Santos, 1995 (Sousa Santos; Araújo; Baumgarten, 2016, p. 15).

com uma dialética de dominação colonial moderna. Seguindo a discussão de outros mundos desenhados possíveis, está o pensamento do colombiano Alfredo Gutiérrez Borrero (2015) sobre ressurgimentos de “suis” (sul no plural) e suas implicações no Design.

4.1.3 *Suis outros e pós-colonial*

Ainda na linha proposta de pensamento crítico sobre o Sul, Alfredo Gutiérrez Borrero (2015) aporta uma reflexão sobre um dado padrão civilizatório praticado no design como profissão. O autor sustenta que o padrão civilizatório moderno-capitalista gera repercussões nocivas a nível global. Diante disso, propõe a criação de alternativas que possam coexistir com a civilização industrial, orientadas ao desenvolvimento de práticas de design originadas em tradições diversas da dominante ocidental, e provenientes de lugares marginalizados nas cartografias geográficas e epistemológicas hegemônicas. Discute o ressurgimento dos “suis” (plural de sul) como designs e como elementos de design alternativos. Os “suis”, segundo ele, são considerados formas de expressão cultural que se afastam das convenções dominantes e buscam criar uma identidade distinta.

Esses designs incorporam elementos indígenas e outros símbolos culturais, representando uma alternativa aos padrões estabelecidos. Assim, o autor explora como esses ressurgimentos têm influenciado a arte, o design e a moda, oferecendo novas perspectivas e oportunidades para a expressão criativa. Essa tendência de fortalecimento dos “suis” demonstra o desejo de se conectar com raízes culturais, desafiar normas preexistentes e explorar novas formas de expressão:

Em sua dimensão ontológica, a pergunta sobre o que pode ser projetado (ou materializado) e o modo como isso ocorre em tradições distintas e distantes da ocidental se estende aos modos de atuar o discurso sobre a construção do ser nessas culturas, ou sobre quanto o design pode fazer e ser. Cada cultura elabora ferramentas que fundamentam ações a partir das quais gera seu mundo (Borrero, 2015, p. 15).

Nesse sentido, os “suis” são diversos e é nessa multiplicidade de “suis outros” que queremos nos aprofundar. Esses pensamentos ditos como pensamentos do Sul são por vezes descritos como decoloniais, ao contestarem uma supremacia hegemônica de domínio do norte global, reivindicando novos olhares e muitas vezes reparações históricas, como é o caso de Fanon. Frantz Omar Fanon (1925-1961) que vem de uma corrente considerada como pós-colonial, levanta a bandeira da anti-colonialidade. Como apresenta Sâmia Batista e Silva em sua tese de doutorado (2022), a abordagem do pensamento de Frantz Fanon, resgatando suas análises sobre o processo colonial e as posicionando como precursoras da crítica decolonial:

Fruto de suas experiências pessoais e do testemunho e engajamento em processos de descolonização na Argélia e na Tunísia, seus contributos teóricos influenciaram sobremaneira a produção intelectual de Paulo Freire, considerado nesta pesquisa como um importante crítico da colonialidade (Silva, 2022, p. 63).

A autora se apoia em seu referencial teórico no pensamento de Fanon e sua influência no Paulo Freire para fundamentar a crítica decolonial, trazendo para o Brasil e assim compreender as práticas de resistência periférica no seu lócus de pesquisa em design:

A descolonização dos países do chamado “Terceiro Mundo”⁴ a partir da metade do século

⁴ O termo foi cunhado à época da Conferência de Bandung, em 1955, que reuniu 29 países da Ásia e da África que buscavam alternativas de desenvolvimento independente dos eixos capitalista e comunista. Conforme Mignolo (2017), o caminho encontrado por esses países foi da “descolonização”, em busca de um desprendimento das principais macro-narrativas ocidentais. Após seis anos, ocorreu em Belgrado a Conferência dos Países Não Alinhados, que contou com a

XX, em especial da Ásia e África, gerou uma ampla produção intelectual que, já na década de 80, seria conhecida pela alcunha de "estudos pós-coloniais" ou "pós-colonialismo". Esses estudos alcançaram ampla disseminação em diversos países. Sua demarcação temporal não indica, no entanto, a institucionalização do pensamento pós-colonial, uma vez que um número considerável de pensadores pós-coloniais pode ser identificado décadas ou séculos antes, já que a sua chave essencial está no reconhecimento da relação antagônica entre colonizador e colonizado (Silva, 2022, p. 64).

Também como um dos expoentes de pensamentos controversos e de corrente "radical", se encontra o argentino Walter Dignolo (2011), onde, em seu livro *The Darker Side of Western Modernity* que é parte da série *Latin America Otherwise*, analisa criticamente a modernidade ocidental e expõe suas consequências negativas e opressivas na América Latina. Dignolo examina o legado colonialista, argumentando que a modernidade ocidental, ao se basear em princípios universais e eurocêntricos, marginaliza e oprime culturas e conhecimentos não ocidentais, como a América Latina.

As diferentes perspectivas brevemente aportadas - Epistemologias do Sul, seus outros, Sul global - reforçam e atualizam a relevância da proposta de Escola do Sul de Torres García e evidenciam a necessidade de olhar para histórias do design situadas.

5 Considerações Finais

Este trabalho se propôs a analisar fundamentos para uma possível construção de uma identidade latino-americana no campo do Design, baseada inicialmente nas ideias de Joaquín Torres García (1874-1949) e seu pensamento para a Escola do Sul (1943) - limitado ao seu país de origem - Uruguai, mas como apontamento epistemológico no sentido de nos reconhecermos como parte do território em que nos situamos:

As revistas e os textos uruguaios permitem verificar que a sua missão não se condiciona ao seu país, mas à independência da arte e das sociedades latino-americanas em face dos grandes centros cosmopolitas, num momento de fragilidade em que estes vivenciam a grande crise econômica e a Segunda Guerra Mundial (Kern, 2013, p. 96).

Com uma abordagem crítica, acreditamos ter sido possível reconhecer a multiplicidade de possibilidades narrativas históricas através de uma análise interdisciplinar para especular sobre uma identidade latino-americana no design, com o objetivo de fortalecer os estudos do Sul nessa área e consolidar saberes locais e a interrelação de diferentes regiões da América Latina na constituição do campo do Design

Ao situarmos o olhar a partir do pensamento do Sul - e suas referências geopolíticas e culturais, abrimos o presente texto com a obra "América"(1943) de Joaquín Torres García, para propor uma subversão à cartografia tradicional imaginando o Sul no topo, instigando uma reavaliação das relações políticas, econômicas e culturais historicamente estabelecidas. Assim, esse novo olhar propõe promover um diálogo do design com culturas e modos de fazer locais. A inversão do mapa serve como metáfora para questionar e desafiar a hegemonia de um pensamento eurocêntrico, ainda bastante predominante nos estudos em design, e propor uma valorização dos saberes e práticas do Sul.

O pensamento decolonial busca romper com as visões tradicionais impostas pela

participação de países latino-americanos que somaram suas forças aos asiáticos e africanos. Dignolo considera que essas conferências e a publicação de *Os condenados da Terra*, de Frantz Fanon (publicado em 1961), são marcos importantes para o estabelecimento dos fundamentos políticos e epistêmicos da decolonialidade.

modernidade/colonialidade e dar voz às Epistemologias do Sul. Defendemos a importância de compreender o design não apenas como uma prática técnica e estética, mas como um campo profundamente influenciado por contextos sociais, culturais e históricos. A proposta é que, ao adotar essa lente decolonial, possamos ampliar nossos horizontes e construir uma história do design complexificada pelas diferentes contaminações do território sobre o qual nos propomos a debruçar a partir da obra de Torres García - a América Latina.

Como resultado, a partir de pensamentos como da Escola do Sul mas também de outras manifestações decoloniais recentes, destacamos a busca por uma identidade latino-americana múltipla, fundamentada em saberes locais e de forma situada.

De forma complementar abordamos algumas operações historiográficas, para apresentar um recorte de discussões no campo da história que abrange histórias múltiplas possíveis, e que há várias narrativas - explorando a importância de uma abordagem pluralista e crítica na historiografia, especialmente no estudo do tempo presente. Com François Dosse (2012) destacamos a necessidade de os historiadores contemporâneos questionarem suas próprias metodologias e reconhecerem a indeterminação e pluralidade inerentes ao presente. Essa perspectiva pluralista e interdisciplinar é essencial para compreender os complexos desafios contemporâneos e refletir sobre as diversas possibilidades do passado.

Percebe-se, a partir deste aporte teórico, a necessidade de repensar a história do design (e de repensar as histórias), nos posicionando em um sentido contrário a uma narrativa única e predominante. Denise Whitehouse (2009) e outros teóricos, como Alfredo Gutiérrez Borrero e Walter Mignolo, defendem a diversificação e descentralização das narrativas históricas do design, reconhecendo contextos regionais e locais que foram historicamente marginalizados. A Micro-História, com sua redução da escala de observação, permite captar detalhes e relações específicas que uma abordagem macro-histórica poderia ignorar. Esse método, alinhado com as perspectivas da Escola dos *Annales* e da Nova História, enfatiza a inclusão de múltiplas vozes e perspectivas na escrita da história.

No contexto latino-americano, essa abordagem é fundamental para aventarmos a possibilidade de construir uma identidade regional do design a muitas vozes. Ao nos debruçarmos sobre iniciativas como as propostas por Torres Garcia na Escola do Sul, ainda em estágio inicial de investigação, já temos indícios sobre como conectar diferentes tempos e regiões desses seus que cada vez mais são trazidos à luz, não em busca de validação do norte, mas como estratégia política de fortalecimento de suas forças e potenciais enquanto espaços de produção de saberes também no campo do Design.

Agradecimento à FAPERJ pela bolsa de pós-graduação.

Esse trabalho faz parte da pesquisa de doutorado de Gabriela De Laurentis junto a seu orientador Guilherme Altmayer, realizado no Programa de Pós-Graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPDESDI/UERJ).

6 Referências

- ARAUJO, E. F. **O universalismo constructivo de Joaquín Torres García como contraponto ao processo de modernização do Uruguai (1934-1949)**. Tese (doutorado em Sociologia) – Programa de pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.
- BORRERO, A. G. **Resurgimientos: sures como diseños y diseños otros**. *Nómadas*, n. 43, Bogotá, July/Dec. 2015.
- BURKE, Peter. **Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro**. In: BURKE (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. p. 7-37. UNESP. [1991], 1992.
- BRAGA, Marcos da Costa; FERREIRA, Eduardo Camillo. **A abordagem da Micro-História e a pesquisa em História do Design no Brasil**. *Estudos em Design*. Rio de Janeiro: v. 31, n. 2 p. 128-140. 2023.
- DILNOT, Clive. (1984A). **The State of Design History, Part I: Mapping the Field**. *Design Issues*, 1(1), 4-23. doi:10.2307/1511539
- DILNOT, Clive. (1984B). **The State of Design History, Part II: Problems and Possibilities**. *Design Issues*, 1(2), 3-20. doi:10.2307/1511495
- DOSSE, François. **História do Tempo Presente e Historiografia**. *Tempo & Argumento*. Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5-22, jan/jun. 2012.
- EILERS, H. W. **Torres García e a metafísica da pré-história indo-americana**. *Revista Valise*. v. 11 n. 19, 2022. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/RevistaValise/article/view/118795>. Acesso em: 7 jun. 2023.
- KERN, M. L. B. **O construtivismo de Joaquín Torres García e suas projeções estéticas para a América Latina**. *Cadernos Prolam/USP* 12 (23): p. 86-96 [2013]. *Brazilian Journal of Latin American Studies*, 2013.
- MCCRACKEN, Grant. **Cultura e consumo: uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural dos bens de consumo**. *Revista de Administração de Empresas*, v. 47, n. 1, p. 99-115, 2007.
- MILLER, Daniel. **Material culture and mass consumption**. Oxford: Basil Blackwell. 1987. Introdução. p. 3-18.
- MIGNOLO, W. D. **The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options**. Duke University Press, 2011.
- MUSEO TORRES GARCÍA. Disponível em: <https://www.torresgarcia.org.uy/bio.php>. Acesso em: 12 jun. 2023.
- OBSERVATÓRIO SOBRE CRISES E ALTERNATIVAS. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/observatorios/crisalt/index.php?id=6522&id_lingua=1&pag=7851. Acesso em: 11 jun. 2023.
- SALES, C. M. **Cartografia, arte e visões de mundo na reprodução do “Mapa Invertido da América do Sul”**. *ESPAÇO E CULTURA*, UERJ, RJ, n. 39, p. 158-174, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>. Acesso em: 11 jun. 2023.

SANTOS, B. de S. ARAÚJO, S. BAUMGARTEN, M. **As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa**. Sociologias, Porto Alegre, ano 18, n. 43, p. 14-23, set./dez, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/15174522-018004301>. Acesso em: 8 jun. 2023.

SCHAEFER, M. **"América Invertida: O mapa de ponta-cabeça"**. *Teoria do Design*, 2022. Disponível em: <https://teoriadodesign.com/america-invertida-o-mapa-de-ponta-cabeça/>. Acesso em: 6 jun. 2023.

SCHULZ, T. **Mapping Indigenous Futures: Decolonising Techno-Colonising Designs**. *Strategic Design Research Journal*, 11(2): 79-91 May-August, 2018. Unisinos – Doi: 10.4013/sdrj.2018.112.04

SILVA, S. B. **Design nas bordas: juventude periférica, re-existências e decolonialidade em Belém do Pará**. 2022. 198 f. Tese (Doutorado em Design) – Escola Superior de Design, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

TORRES GARCÍA, J. **Escuela del Sur**. In: *Universalismo Constructivo*. Editora Poseidón, Buenos Aires, 1944.

WHITEHOUSE, Denise. **The State of Design History as a Discipline**. In: *Design Studies: A Reader*. Edited by Hazel Clark and david Brody. Berg Publishers, New York, 2009.